

Insper

Ciências Econômicas

A Ascensão do Neopentecostalismo e a Sociedade Neoliberal no Brasil

Enzo Carmona de Souza

São Paulo

2025

Enzo Carmona de Souza

A Ascensão do Neopentecostalismo e a Sociedade Neoliberal no Brasil

TCC apresentado ao Curso Graduação em Economia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em área de estudo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira

São Paulo

2025

de Souza, Enzo Carmona.

A Ascensão do Neopentecostalismo e a Sociedade Neoliberal
no Brasil /

Enzo Carmona de Souza. – São Paulo, 2025.

29 f.

TCC – Insper, 2025

Orientador: Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira

1. Neopentecostalismo. 2. Consumismo. 3. Teologia da Prosperidade.
4. Consumo Conspícuo. 5. Logoterapia I. Enzo Carmona de Souza. II.
A Ascensão do Neopentecostalismo e a Sociedade Neoliberal no Brasil

Enzo Carmona de Souza

A Ascensão do Neopentecostalismo e a Sociedade Neoliberal no Brasil

TCC apresentado ao Curso Graduação em Economia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em área de estudo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira

Inspere

Prof. Dr. Louis José Pacheco de Oliveira

Inspere

Dedico o presente trabalho à minha mãe, à
minha irmã e ao meu pai.

Resumo

O avanço acelerado das igrejas neopentecostais no Brasil, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ocorreu simultaneamente à expansão da lógica econômica neoliberal nas últimas décadas. Diante desse contexto, este trabalho teve como objetivo analisar criticamente a relação entre religião e economia no discurso institucional da IURD, empregando como base teórica as contribuições de Thorstein Veblen, Max Weber, Zygmunt Bauman e Viktor Frankl. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com análise documental de 50 publicações da Folha Universal à luz do conceito vebleniano de consumo conspícuo, weberiano de espírito do capitalismo e das práticas sociais ritualizadas relacionadas à Teologia da Prosperidade. Por meio de análise qualitativa das publicações religiosas da instituição, evidenciou-se que seu discurso reforça práticas neoliberais, como consumismo, o labor e consumo conspícuo. Conclui-se que o sujeito contemporâneo, inserido em uma modernidade líquida e marcado pela busca de sentido em meio ao vazio existencial, encontra nesse discurso religioso uma resposta adaptada à lógica neoliberal dominante.

Palavras-chave: Neopentecostalismo; Consumismo; Teologia da Prosperidade; Consumo Cospícuo; Logoterapia.

Abstract

The rapid advancement of neo-Pentecostal churches in Brazil, particularly Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), has occurred concurrently with the expansion of neoliberal economic logic in recent decades. Within this context, this study aimed to critically analyze the relationship between religion and economy in the institutional discourse of the IURD, drawing on the theoretical contributions of Thorstein Veblen, Max Weber, Zygmunt Bauman, and Viktor Frankl as its foundation. To this end, a qualitative study was conducted, based on documentary analysis of 50 issues of *Folha Universal* considering Veblen's concept of conspicuous consumption, Weber's notion of the spirit of capitalism, and the ritualized social practices associated with Prosperity Theology. Through qualitative analysis of the institution's religious publications, it was possible to demonstrate that its discourse reinforces neoliberal practices such as consumerism, labor valorization and conspicuous consumption. It is concluded that the contemporary subject, situated within a liquid modernity and marked by the search for meaning amid existential emptiness, finds in this religious discourse a response that is adapted to the dominant neoliberal logic.

Keyword: Neopentecostalism; Consumerism; Prosperity Theology; Conspicuous Consumption; Logotherapy.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1 Neopentecostalismo e Teologia da Prosperidade.....	13
2.2. Capitalismo e Bem-Estar Espiritual.....	14
2.3. Sociologia do Sujeito Neoliberal Contemporâneo.....	16
3. METODOLOGIA.....	18
3.1 Avaliação Qualitativa dos Cenários.....	18
4. RESULTADOS.....	19
4.1 A Linguagem do Discurso Iurdiano.....	13
4.2. Adequação a Realidade da Sociedade.....	14
4.3. Testemunhos e a Procura pela Salvação.....	20
5. DISCUSSÃO.....	22
5.1 O Pecado e a Neurose Noogênica.....	22
5.2. Devoção e o Espírito do Capitalismo.....	24
5.3. Devoção e o Espírito do Capitalismo.....	26
6. CONCLUSÃO.....	28
6.1 Consumismo: A Propagação da Prosperidade.....	28
Referências.....	30

1. INTRODUÇÃO

O avanço acelerado das igrejas neopentecostais no Brasil, em especial da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), tem ocorrido de maneira simultânea à consolidação da lógica econômica neoliberal nas últimas décadas. Esse movimento religioso não se restringe à esfera estritamente espiritual, mas se articula com transformações mais amplas da sociedade brasileira, marcadas pela centralidade do mercado, pela responsabilização individual e pela crescente fragilidade das mediações institucionais. Nesse contexto, emergem discursos religiosos que associam de forma sistemática fé, prosperidade material e promessa de bem-estar em vida, organizando um arranjo no qual práticas econômicas e práticas religiosas se entrecruzam. Os dados recentes sobre o crescimento do campo evangélico corroboram esse diagnóstico. De acordo com levantamento do Ipea, a partir de informações censitárias e de pesquisas de opinião, a proporção de evangélicos na população brasileira passou de aproximadamente 15,4% em 2000 para cerca de 22,2% em 2010, chegando a algo em torno de 31,0% em estimativas do Datafolha (DE NEGRI; MACHADO; CAVALCANTE, 2023).

A literatura sobre neopentecostalismo e Teologia da Prosperidade, tal como desenvolvida por Ricardo Mariano, descreve esse processo como a terceira onda do pentecostalismo brasileiro, marcada pela flexibilização de usos e costumes e pelo enfraquecimento do ascetismo tradicional, ao mesmo tempo em que se consolida uma teologia orientada à realização imediata das promessas divinas no mundo e à legitimação da busca de bens, conforto e consumo como expressão de bênção e identidade religiosa (MARIANO, 1996). Em vez da renúncia e expectativa de recompensa no pós-morte, as denominações neopentecostais passam a associar santidade à vitória na vida prática, estimulando os fiéis a demonstrarem, por meio de resultados econômicos, familiares e emocionais, a eficácia de sua fé.

Paralelamente, a expansão dessas igrejas acompanha transformações estruturais do capitalismo contemporâneo. Os conceitos de Thorstein Veblen e Max Weber permitem articular esse movimento a partir das categorias de consumo conspícuo e espírito do capitalismo. Em *The Theory of the Leisure Class*, Veblen descreve o consumo conspícuo como padrão de gasto orientado à demonstração pública de capacidade pecuniária e posição na hierarquia social, no qual bens e gestos de generosidade visível funcionam como investimentos simbólicos em prestígio e respeitabilidade (VEBLEN, 1899). Já Weber, em *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*, analisa a valorização do trabalho contínuo, convertendo a conduta econômica racional em dever ético e associando o sucesso profissional a possíveis sinais de eleição divina (WEBER, 2004).

A análise da contemporaneidade também deve ser feita à luz das contribuições de Zygmunt Bauman e Viktor Frankl, especialmente no que se refere à condição subjetiva do sujeito na sociedade neoliberal. A noção de modernidade líquida permite situar o neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade em um cenário de fragilidade institucional e deslocamento de responsabilidades do coletivo para o indivíduo, em que identidades e vínculos tornam-se instáveis e ancoragens duradouras cedem lugar a métricas de desempenho e validação visível (BAUMAN, 2000). A partir da Logoterapia, Frankl evidencia como o vazio existencial e a frustração da vontade de

sentido podem se converter em neurose noogênica, ampliando a vulnerabilidade a respostas simplificadoras e totalizantes, entre as quais se incluem discursos religiosos que prometem soluções rápidas e materializadas para dilemas existenciais profundos (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

Nesse contexto, a Teologia da Prosperidade e o discurso neopentecostal da IURD mostram-se particularmente relevantes para a compreensão das articulações entre religião, economia e subjetividade na sociedade brasileira contemporânea. De um lado, oferecem uma gramática religiosa que converte incertezas estruturais em promessas de prosperidade individual, traduzindo a solução de dilemas existenciais em campanhas específicas, sacrifícios financeiros e narrativas de vitória espiritual e econômica. De outro, reforçam valores associados à racionalidade neoliberal.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente a relação entre religião e economia no discurso institucional da Igreja Universal do Reino de Deus, tomando como foco as publicações da Folha Universal. Para tanto, utiliza-se como base teórica o conceito de consumo conspícuo de Veblen, o espírito do capitalismo em Weber, a modernidade líquida em Bauman e a neurose noogênica em Frankl, além da análise do neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade de Ricardo Mariano.

Metodologicamente, o estudo realiza uma pesquisa qualitativa com análise documental de 50 publicações da Folha Universal divulgadas no site da IURD em 2025, veículo institucional de notícias e recomendações da igreja. A análise dos textos busca identificar o discurso neopentecostal e a presença dos conceitos da Teologia da Prosperidade, articulando-os ao contexto político-econômico brasileiro recente e às categorias teóricas mencionadas. Esse procedimento visa evidenciar de que modo o discurso religioso da instituição reforça práticas neoliberais, como consumismo, valorização do trabalho disciplinado e consumo conspícuo, ao mesmo tempo em que oferece respostas ao vazio de sentido e à insegurança característica da modernidade líquida.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Neopentecostalismo e Teologia da Prosperidade

Em “Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade” Ricardo Mariano descreve o desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro a partir de uma periodização em ondas históricas, sendo o neopentecostalismo a terceira. O autor aponta o traço distintivo das instituições pentecostais presentes nas ondas anteriores, destacando o neopentecostalismo como a combinação de dois movimentos. O primeiro elemento diz respeito à flexibilização de práticas e condutas e ao conseqüente enfraquecimento do ascetismo tradicional. No pentecostalismo clássico, os usos e costumes funcionavam como fronteira visível entre crentes e os demais, sustentados por normas rígidas sobre vestuário, lazer, consumo de determinados produtos e participação em festas e práticas consideradas mundanas. Essa disciplina cotidiana expressava a renúncia dos prazeres terrenos e a expectativa de recompensa futura no além, em consonância com uma teologia de salvação que prometia a libertação do sofrimento sobretudo na vida pós-morte, dirigida principalmente aos mais pobres e marginalizados (MARIANO, 1996). Nesse contexto, o ascetismo sectário atuava como resposta religiosa à miséria, à dor e à morte, oferecendo o conforto de uma compensação futura (MARIANO, 1996). Com as transformações devido à mobilidade social de parte dos fiéis, às promessas da sociedade de consumo, à expansão do crédito e à multiplicação de opções de lazer, o modelo pentecostal clássico enfrentou contestações dos crentes.

Diferentemente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isto, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, se não materialmente pobres, radicalmente desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna, o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, entre outras formas, com o surgimento da Teologia da Prosperidade. (MARIANO, 1996)

A Teologia da Prosperidade se instaura orientando o neopentecostalismo, o fiel passa a ter maior liberdade em relação aos costumes e práticas. O modelo de santidade deixa de ser definido principalmente por proibições de ordem estética ou comportamental e passa a ser associado à vitória na vida prática. Em vez de se distinguir por um estilo de vida marcado pela privação, o crente neopentecostal é estimulado a demonstrar que a fé produz resultados positivos na vida econômica, familiar e emocional. Assim, a flexibilização dos usos e costumes não constituiu apenas um relaxamento moral, mas de uma reconfiguração mais ampla em que o ascetismo rigoroso cede lugar à acomodação aos valores e interesses das sociedades capitalistas (MARIANO, 1996).

Com promessas de que o mundo seria *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias

denominações pentecostais aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas. (MARIANO, 1996)

Como núcleo doutrinário, a Teologia da Prosperidade desloca a ênfase da renúncia e da espera escatológica para a realização imediata das promessas divinas no mundo, legitimando a busca de bens, conforto e consumo como expressão de bênção, e consolidando a prosperidade como marca distintiva da identidade religiosa. (MARIANO, 1996).

O segundo elemento diz respeito à difusão da doutrina, tanto pela atuação sistemática nos meios de comunicação quanto pela presença política em diferentes instâncias do poder legislativo. O uso intensivo do rádio e da televisão deixa de ocupar posição acessória e passa a constituir eixo estratégico da ação religiosa, com a exibição recorrente de testemunhos de fiéis que afirmam ter alcançado prosperidade econômica, cura ou solução de problemas familiares pela fé. Mesmo quando tais narrativas se afastam das condições concretas da maior parte da audiência, reforça-se a ideia de que com “Deus tudo pode”, consolidando a percepção de que a Teologia da Prosperidade oferece um caminho universalmente acessível de superação de dificuldades e de ascensão social (MARIANO, 1996).

Nos cultos da Universal, além de exortados a pagar o dízimo, a dar ofertas com desprendimento e a participar da corrente da prosperidade, os fiéis, ansiosos por enriquecer, são aconselhados a deixar de ser empregados. Recebem incentivos para abrir negócios e se tornarem patrões, desejo da maioria dos que vendem sua força de trabalho no mercado. Para enriquecer, portanto, não adianta apenas exigir seus direitos, é preciso que trabalhem, sejam astutos, aproveitem as oportunidades, ingressem na iniciativa privada. (MARIANO, 1996)

Havia dificuldade, doença ou dívida, o fiel praticou determinados atos de fé, e o resultado foi o sucesso (MARIANO, 1996). No campo político, igrejas lançam candidaturas, articulam frentes parlamentares, negociam com partidos e buscam influenciar políticas públicas. Em vez de uma comunidade que se vê como minoria perseguida à margem da sociedade, as igrejas neopentecostais passam a se enxergar como força organizada com direito de intervir no destino da coletividade.

2.2. Capitalismo e Bem-Estar Espiritual

A expansão recente das igrejas neopentecostais e a centralidade da Teologia da Prosperidade podem ser interpretadas, em termos teóricos, a partir das categorias desenvolvidas por Thorstein Veblen e Max Weber. A Teologia da Prosperidade, ao associar de forma sistemática fé, prosperidade material e promessa de bem-estar em vida, produz um arranjo em que práticas econômicas e práticas religiosas se cruzam. Contribuições financeiras, aquisição de bens de consumo e exibição pública de resultados econômicos passam a compor um repertório de sinais pelos quais se mede a condição espiritual do fiel e sua posição dentro da comunidade religiosa.

O conceito de consumo conspícuo apresentado por Veblen em *The Theory of the Leisure Class* fornece uma maneira de compreender a articulação entre fé e prosperidade. Veblen descreve o consumo conspícuo como um padrão de gastos significativamente direcionada à demonstração pública de capacidade pecuniária e de posição na hierarquia social (VEBLEN, 1899). O autor ainda destaca a desnecessidade dos bens consumidos, que porém, atuam na sustentação do esquema de vida do sujeito, uma vez que conferem bem-estar espiritual ou honorífico, a depender do reconhecimento alheio (VEBLEN, 1899).

O padrão de vida de um indivíduo ou grupo não é determinado apenas pelo nível médio de consumo, mas por um ideal de decência e de respeitabilidade que se encontra um além do alcance imediato, de modo que os agentes orientam seus hábitos de gasto buscando aproximar-se do consumo da classe imediatamente superior (VEBLEN, 1899). Esse movimento está associado àquilo que Veblen denomina “comparação invejosa”, isto é, a tentativa de superar ou pelo menos acompanhar aqueles com quem se estabelecem relações de comparação. Assim, a cultura pecuniária se estrutura como um campo de competição simbólica em que o consumo funciona como linguagem de status e instrumento de hierarquização social. Bens materiais e gestos de generosidade visível podem ser compreendidos, à luz de Veblen, como investimentos simbólicos em prestígio, nos quais a capacidade de contribuir, de doar e de consumir se converte em evidência pública de superioridade não apenas econômica, mas também moral e espiritual.

A preconização do sucesso dos crentes por meio de testemunhos de fé, apresentando seus ganhos financeiros como prova de ascensão espiritual, expõem o encontro entre as ideias de Veblen e a doutrina da prosperidade. Formula-se um paralelo do consumo conspícuo como aproximação de Deus e do bem-estar espiritual, ao passo em que a comparação invejosa causada pela divulgação dos casos de sucesso na mídia, propõem um ciclo vicioso consumista com característica puramente fiduciária. O sujeito é estimulado a consumir e a mostrar seu consumo como forma de provar sua proximidade com Deus.

Enquanto Veblen enfatiza o aspecto simbólico do consumo e a lógica da emulação, Weber destaca a dimensão ética da conduta econômica e sua relação com formas específicas de religiosidade. Em *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, Weber procura explicar por que determinados grupos religiosos, especialmente ligados ao protestantismo ascético, aparecem com frequência desproporcional em setores da economia moderna (WEBER, 1904-1905). A resposta reside na formação do “espírito do capitalismo”. Caracterizado pela valorização moral do trabalho contínuo, do uso eficiente do tempo, da disciplina, da pontualidade e da reinversão sistemática dos lucros, de forma que a conduta econômica racional se torna um dever ético (WEBER, 1904-1905).

O espírito do capitalismo exige a superação do tradicionalismo econômico, em que o trabalhador procura garantir apenas o salário de costume. Weber supõe um sujeito que interioriza a obrigação de trabalhar mais e de expandir continuamente sua atividade. No protestantismo ascético, principalmente de matriz calvinista, a ideia de vocação assume papel central. O trabalho em uma profissão não é apenas meio de

subsistência, mas dever imposto por Deus, e a disciplina metódica da vida cotidiana torna-se forma de ascese “intramundana”, isto é, realizada no interior do mundo e não em retirada monástica (WEBER, 1904-1905). A poupança, a sobriedade e a contenção do consumo são valorizadas como expressões de obediência, enquanto o sucesso econômico é tomado como possível sinal de bênção, ainda que nunca como garantia automática.

A Teologia da Prosperidade altera o quadro de valorização da poupança como sinal de obediência, posicionando o consumo como prova de fé correta. Apesar disso, conforme apresentado por Mariano, as igrejas neopentecostais continuam a exaltar a disciplina e a iniciativa econômica. Fiéis são incentivados a abandonar uma postura passiva, a aproveitar oportunidades, articulando fé e trabalho como vias para o enriquecimento (MARIANO, 1996). Há, nesse ponto, uma afinidade com a ideia weberiana de vocação como dedicação constante a uma atividade mundana.

A flexão dos conceitos de Weber e Veblen permitem construir uma interpretação da Teologia da Prosperidade. Entende-se que as práticas religiosas de prosperidade são vistas simultaneamente como expressão de cultura de consumo orientada pela emulação a partir da busca incessante de expandir continuamente sua atividade. O alinhamento entre consumo conspicuo e espírito capitalista permite compreender a centralidade dos bens materiais, estilos de vida e narrativas de êxito na definição de valor moral e espiritual em determinados contextos religiosos (VEBLEN, 1899; WEBER, 1904-1905).

2.3. Sociologia do Sujeito Neoliberal Contemporâneo

Ao avaliar o caráter transformacional da sociedade que designou o sucesso da Teologia da Prosperidade, se faz necessária a avaliação da matéria sob a lente sociológica. Para tanto, os referenciais teóricos de Zygmunt Bauman e Viktor Frankl, contribuem para compreender a condição subjetiva e social do sujeito na sociedade neoliberal contemporânea e como o neopentecostalismo se encaixa, divulgando sua doutrina de prosperidade. De um lado, a noção de modernidade líquida permite situar o fenômeno religioso em um cenário de fragilidade institucional, deslocamento de responsabilidades e gestão privada de riscos (BAUMAN, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020). De outro, a Logoterapia e o conceito de neurose noogênica evidenciam como o vazio de sentido e a frustração da vontade de significado tornam o indivíduo vulnerável a promessas de soluções rápidas e materializadas para dilemas existenciais profundos (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

Em *Modernidade Líquida* (2000), Bauman propõem a imagem do derretimento dos sólidos, um estágio da modernidade em que não são mais apenas instituições tradicionais que se dissolvem, mas os laços que conectavam trajetórias individuais a estruturas coletivas relativamente estáveis (BAUMAN, 2000). A partir dos deslocamentos decorrentes do derretimento dos moldes fixos da sociedade, adentra-se em uma época de comparação universal (BAUMAN, 2000). Em contextos anteriores, os indivíduos nasciam e cresciam inseridos em comunidades, classes e instituições que ofereciam parâmetros claros de comparação e aspiração. Na fase

líquida, esses grupos de referência deixam de ser dados e passam a ser objetos de escolha e recomposição contínua. O indivíduo é exposto a uma multiplicidade de modelos de vida, estilos de consumo e formas de pertencimento, sem que nenhum deles se imponha como padrão durável. A liquidez não elimina a necessidade de referências, mas transforma a forma como elas são oferecidas. O indivíduo é orientado por fragmentos, modas, narrativas concorrentes e expectativas voláteis resultando em uma intensificação da responsabilidade individual pela construção de identidades e trajetórias em um ambiente instável.

Viktor Frankl, a partir da Logoterapia, foca a análise na dimensão noética da existência, entendida como esfera especificamente humana de liberdade, responsabilidade e busca de sentido. A grande questão do homem contemporâneo seria a falta de um para quê viver, que o conduz ao desespero e se manifesta pelo suicídio, violência e vícios. A neurose noogênica designa justamente o ponto em que a frustração da vontade de sentido se converte em adoecimento. O indivíduo deixa de exercer a liberdade da vontade e se identifica com suas condicionalidades biológicas, psíquicas ou sociológicas. (FRANKL apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

A partir dessa premissa, a imagem do “homem neurótico” condensa o sujeito que, pressionado por uma cultura de consumo e por estruturas sociais instáveis, fecha-se sobre si mesmo e passa a ser configurado pelas próprias condicionalidades. Em vez de responder à tríade trágica (dor, culpa e morte) com atitudes responsáveis, as reconhecendo como irredutíveis, esse indivíduo passa a tomar decisões com características provisórias, fatalistas, massificadas ou fanáticas de existência (FRANKL apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020). Nesse sentido, o capitalismo de consumo não aparece apenas como plano de fundo econômico, mas como variável da dimensão social do vazio existencial, ao ofertar múltiplas possibilidades de prazer e ocupação do tempo sem, contudo, favorecer espaços de reflexão e discernimento noético. O resultado é a ampliação do campo de vulnerabilidade à neurose noogênica (CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

Articulados à análise da modernidade líquida, esses conceitos permitem compreender por que sujeitos submetidos à gestão privada de riscos, à desancoragem institucional e à comparação universal tendem a buscar respostas imediatas para o sofrimento e o medo. A combinação entre vazio existencial e neurose noogênica estabelecem o homem neurótico que, ao abdicar de sua liberdade de responder à vida, torna-se receptivo a discursos religiosos que prometem sentido e segurança condensados em fórmulas simples, benefícios mensuráveis e garantias de felicidade (FRANKL apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

3. METODOLOGIA

3.1 Avaliação Qualitativa dos Cenários

Realizou-se uma pesquisa qualitativa com 50 publicações da Folha Universal divulgados no site da Igreja Universal do Reino de Deus em 2025, veículo de divulgação de notícias e recomendações da igreja. A análise desses textos teve por objetivo identificar o discurso neopentecostal e a presença dos conceitos da Teologia da Prosperidade na doutrina. Para tanto, utilizaram-se as contribuições de Ricardo Mariano, Thorstein Veblen, Max Weber, Zygmunt Bauman e Viktor Frankl como base teórica. Além dos textos, fez-se necessária a análise do cenário político-econômico brasileiro, como forma de identificar possíveis causas do sucesso e da propagação dos discursos neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus na última década.

4. RESULTADOS

4.1 A Linguagem do Discurso lurdiano

A linguagem adotada nas publicações analisadas da Folha Universal articula elementos informativos e devocionais, ponderando fatos com a doutrina. Trata-se de textos predominantemente breves, estruturados em blocos com subtítulos, próximo à lógica de portal de notícias e de consumo rápido de informação. Porém, o formato informativo é constantemente entrelaçado com derivações pastorais, deslocando o texto de um registro descritivo para interpelações diretas ao leitor, convites à participação em reuniões e orientações espirituais.

O tom dominante é exortativo, ainda que alternando intensidades de acordo com o tema. Nos textos voltados a finanças pessoais e carreira, observa-se um linguajar próximo da educação financeira e da literatura de desenvolvimento profissional, com uso de dados estatísticos, explicações didáticas e listas de cuidados e passos a seguir. Nos textos explicitamente devocionais, a linguagem é mais afetiva e apelativa, recorrendo a perguntas retóricas, oposições simples (salvação/perdição, confiança/medo, fé/dúvida) e metáforas de caminho, propósito e plano divino. No plano lexical, nota-se um vocabulário acessível e pouco especializado, mesmo que, ocasionalmente, mobilize termos do universo econômico, psicológico ou jurídico, sempre rapidamente traduzidos para o leitor leigo. A formalidade não é plena, a linguagem se aproxima de um registro de um conselho orientado, que conjuga certa autoridade técnica ou espiritual com uma proximidade empática com o público.

4.2 Adequação a Realidade da Sociedade

Os textos da Folha Universal variam entre poucas estruturas. Além dos já esperados testemunhos e textos devocionais, destacam-se diversas publicações em formato de notícia, envolvendo pesquisas e especialistas para desenvolver o conteúdo da matéria de forma objetiva. Dentre a base avaliada, 26% possuíam a presença de um especialista do tópico abordado na matéria, enquanto 20% apresentavam algum dado da realidade. O que fica claro é a característica de continua readequação do neopentecostalismo com a sociedade atual. Por exemplo, na publicação Alerta sobre o empréstimo consignado: palestra de Patrícia Lages esclarece riscos. A matéria faz uso de dados e dos conselhos de uma jornalista e especialista em finanças para tratar do novo modelo de crédito consignado privado. O texto entrelaça elementos da realidade cotidiana com a doutrina religiosa. Ao mesmo tempo em que apresenta os riscos e as possíveis soluções técnicas para evitar o comprometimento da renda familiar, a publicação destaca um podcast do bispo Renato Cardoso, no qual se discute a orientação bíblica acerca do uso de empréstimos e se indicam caminhos para alcançar o equilíbrio financeiro em conformidade com os princípios considerados divinos.

Além da conotação jornalística e dados da realidade, a variedade da temática dos textos também mostra conexão da religião com o tempo presente da sociedade. Conteúdos viralizados na internet são abordados com o mesmo linguajar direto jornalístico junto de derivações pastorais que deslocam o foco do texto de um registro descritivo para interpelações diretas ao leitor, o convidando a participar de reuniões e

orientações espirituais. Bebês “reborn”, pornografia infantil no TikTok, relacionamentos plurais e bebida alcóolicas adulteradas são exemplos de temas com publicações dedicadas. A conexão com a realidade é nítida, o que não significa abandono do ascetismo iurdiano. Pelo contrário, apesar do afrouxamento do discurso buscando a identificação do sujeito com o viés proposto, preconiza-se a visão da igreja, seja com conselhos por meio de falas de bispos e trechos da bíblia, ou com indicações de cultos específicos oferecendo possibilidades para que o leitor encontre conforto e salvação.

Ademais, notam-se poucos textos mais diretos em relação a posição da IURD perante a realidade. Dentre a amostra, 10% dos textos possuem direcionamento político. Destacam-se os textos a respeito dos regimes políticos da Nicarágua e da China. No primeiro caso, a matéria deriva do cancelamento da Semana Santa pelo 2º ano seguido no país. A matéria salienta a perseguição religiosa que os cristãos nicaraguenses têm sofrido durante o regime o governo de Daniel Ortega, o comparando com o governo chinês. Já na segunda matéria citada, parte-se da prisão de 30 líderes religiosos na China para novamente pontuar a perseguição religiosa. Em ambos os textos se destaca o posicionamento enfático de resiliência e o compromisso em levar o evangelho adiante.

Ela ocorre desde a Igreja Primitiva e continuaremos a viver nesse cenário cada vez mais inóspito até a volta do Senhor Jesus. Só que isso não deve ser motivo para desânimo, como Ele mesmo anunciou em Mateus 5:10-12: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”. (FOLHA UNIVERSAL “CHINA: PERSEGUIÇÃO DISFARÇADA DE PROTEÇÃO”, 2025)

4.3 Testemunhos e a Procura pela Salvação

Os testemunhos apresentados nas publicações da Folha Universal demonstram uma estrutura narrativa recorrente que organiza a experiência individual em três momentos principais. Em primeiro lugar, descreve-se uma fase de crise marcada por sofrimento intenso, frequentemente associada a quadros de depressão, ansiedade, ideação suicida, automutilação ou uso abusivo de álcool. Essa crise é quase sempre contextualizada em relações familiares e afetivas desestruturadas, histórias de rejeição, violência simbólica ou física e envolvimento com ambientes considerados mundanos, como festas, relacionamentos abusivos ou práticas que rompem com a moral religiosa. A vida anterior é apresentada como trajetória descendente, marcada por expressões de ruína subjetiva e social.

O segundo movimento comum é o ponto de inflexão, sempre associado à igreja. Em todos os casos há um agente de convite ou intercessão, como a mãe, sogra, tio, família ou a própria Força Jovem Universal, que rompe o isolamento do sujeito e o conduz a uma reunião, corrente de fé ou encontro específico. Esse momento é descrito como decisão pessoal e, ao mesmo tempo, como intervenção divina. O convite se combina com a experiência de “caminhos de Deus”, “voz de Deus” ou

percepção de que “Jesus está vivo”. A narrativa enfatiza práticas religiosas concretas como participação assídua nos cultos, batismo nas águas, busca do Espírito Santo, oração persistente e envolvimento em propósitos e correntes, apresentadas como meios pelos quais se inicia um processo de reconstrução de vida.

O terceiro elemento é a formulação de uma ruptura radical entre passado e presente, organizada em linguagem de testemunho. O antes e o depois são contrastados de forma enfática. De um lado, a antiga identidade marcada por vícios, traumas, tristeza profunda, rejeição e descontrole emocional. De outro, a nova condição descrita em termos de paz, felicidade, complexos que sumiram e vazio preenchido. Nessa etapa, associa-se a experiência do Espírito Santo com comentários sutis a respeito de suas conquistas materiais. Seja o sucesso de sua empresa e trabalho ou na descoberta de um novo relacionamento amoroso. Assim, o discurso atribui à intervenção divina não só a cura dos sintomas, mas a redefinição integral da identidade.

5. DISCUSSÃO

5.1 O Pecado e a Neurose Noogênica

O início da discussão a respeito da doutrina deve ser orientado pela visão do novo crente, seguindo a lógica dos testemunhos divulgados na Folha Universal. O sujeito está em estado de perdição, marcado por fracasso, sofrimento e desorganização subjetiva. Esse momento inicial é frequentemente narrado a partir de episódios de rejeição, humilhação, violência simbólica ou afetiva.

O fracasso não se limitava à sua vida profissional e suas relações amorosas também eram malsucedidas: “Eu fiquei noiva de um rapaz por dois anos e depois descobri que ele era noivo de outra pessoa há quatro anos”, afirma. A dor do desprezo a levou a pensar em tirar a própria vida. (FOLHA UNIVERSAL, “DESPREZADA, ELA PENSAVA EM MORRER”, 2025)

A experiência de fracasso não se restringe à dimensão profissional, alcançando as relações amorosas e o autoconceito, compondo o sentimento de vulnerabilidade emocional e existencial. Em uma doutrina alinhada à racionalidade neoliberal, como é o caso da Teologia da Prosperidade, esse estado de perdição, pecado e envolvimento em prazeres mundanos pode ser interpretado à luz do conceito de neurose noogênica formulado por Viktor Frankl. Nessa perspectiva, o insucesso descrito nos testemunhos nasce da frustração material e da ausência de sentido diante do cenário vivido, desdobrando-se em atitudes fatalistas, tais como automutilação, ideação suicida e dependência de substâncias. Assim, a figura do homem neurótico condensa o sujeito em perdição. Pressionado por uma cultura de consumo e por estruturas sociais instáveis, fecha-se sobre si mesmo e passa a ser configurado pelas condicionalidades (FRANKL apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020). Ainda em paralelo com Frankl, a doutrina entende o pecado e a perdição como quadros reversíveis, de forma que é possível o sujeito alcançar às bênçãos de Deus de forma que independente às suas condicionalidades.

Esse plano está disponível para todas as pessoas, independentemente de sua origem, situação ou passado. No entanto há uma condição essencial: é preciso estar disposto a se render à Vontade de Deus. Para isso, é necessário:

Assumir o Senhor Jesus como seu único e suficiente Salvador, entregando sua vida a Ele.

Reconhecer-se pecador e, arrependido, abandonar o pecado e se batizar nas águas.

Buscar o batismo com o Espírito Santo até recebê-Lo e viver conduzindo cada decisão segundo a Palavra de Deus. (FOLHA UNIVERSAL, “QUAL É O PLANO DE DEUS PARA A SUA VIDA?”, 2025)

A “busca pela Palavra” e a atuação da igreja, tal como apresentada nos testemunhos, podem ser compreendidas como uma tentativa de reconfiguração neopentecostal da dimensão noética. A fé passa a ser apresentada como recurso para ressignificar a

dor, reorganizar a biografia e introduzir um “para quê viver” que responda à frustração de sentido descrita por Frankl. A religião oferece um percurso de discernimento e adequação à lógica do capitalismo de consumo a partir do alinhamento espiritual com Deus, estabelecendo pontes entre conduta moral, comportamento econômico e promessa de bem-estar. Ao mesmo tempo em que oferece resposta ao vazio de sentido, a “Palavra” também orienta a inserção do crente em um mundo marcado pela liquidez das referências, pela responsabilização individual e pela centralidade do desempenho.

A Fé na Palavra de Deus é a arma mais poderosa para vencer os conflitos e as ideologias enganosas deste mundo. (FOLHA UNIVERSAL, “RELACIONAMENTOS PLURAIS TENTAM DISTORCER A IDEIA DE CASAMENTO”, 2025)

Compreender a “Palavra” como eixo a partir do qual ainda é possível resgatar a integralidade da pessoa humana, seu senso de coletividade e sua capacidade de autotranscendência, não significa ignorar a forma que a doutrina propõe ao crente para alcançar a salvação. Mesmo com a adequação da religião à individualidade dos crentes, permitindo que cada um associe as bênçãos conforme a sua realidade, o neopentecostalismo faz manutenção do estado de neurose do indivíduo como meio de conservação da fé.

Em razão disso, escolha crer, ou seja, obedecer ao Senhor e à Sua Palavra todos os dias de sua vida. Assim, Ele absolverá você da condenação eterna. (FOLHA UNIVERSAL, “QUEM SÃO OS CONDENADOS?”, 2025)

Dentre as atitudes que Viktor Frankl associa a respostas adoecidas diante da frustração de sentido, o fanatismo ocupa posição central, representando a renúncia à liberdade noética em favor de uma adesão acrítica a um sistema de crenças que se pretende total e definitivo. Nesse cenário, o indivíduo deixa de exercer a capacidade própria de tomar posição diante de suas condicionalidades biológicas, psíquicas e sociológicas e passa a organizar a existência a partir de comandos normativos conforme a doutrina que prometem segurança e eliminação da dúvida. A doutrina convoca o fiel à dedicação integral ao evangelho e à obediência contínua à “Palavra”, articulando o alinhamento com Deus à participação assídua em reuniões, campanhas e práticas de sacrifício financeiro, ao mesmo tempo em que apresenta a salvação como dependente da decisão diária de “escolher crer” e obedecer “todos os dias de sua vida” para ser absolvido da condenação eterna. A manutenção de um estado permanente de urgência espiritual, em que o sujeito se percebe simultaneamente vulnerável à perdição e convocado a provar sua fidelidade por meio de condutas específicas, contribui para a conservação de um quadro de neurose noogênica. A vontade de sentido, em vez de ser exercida como liberdade responsável de responder à vida, tende a ser capturada por um sistema que oferece um roteiro de crenças, práticas e promessas, reduzindo a margem de questionamento e de discernimento crítico (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

A Teologia da Prosperidade, ao combinar essa promessa de segurança simbólica com a valorização de disciplina, desempenho e resultados em vida, reatualiza em chave contemporânea tanto traços do espírito do capitalismo, como a centralidade do trabalho e do êxito mundano, quanto da cultura de consumo conspícuo, em que bens

materiais e sinais de sucesso funcionam como marcadores de distinção moral e espiritual (WEBER, 1904-1905; VEBLÉN, 1899; MARIANO, 1996). O fanatismo não aparece apenas como excesso individual de devoção, mas como forma específica de adoecimento existencial e social, na qual o sujeito, fragilizado pelo vazio de sentido e pela pressão por desempenho, abdica de sua liberdade noética e se refugia em respostas rígidas que prometem, ao mesmo tempo, salvação, prosperidade e identidade estável. Por um lado, a doutrina oferece caminhos de ressignificação da dor e reconstrução biográfica. Por outro, tende a conservar o indivíduo em um estado de neurose orientada religiosamente, no qual a busca de sentido é continuamente mediada por expectativas de recompensa e por exigências de desempenho espiritual e material.

5.2 Devoção e o Espírito do Capitalismo

A devoção proposta pelo neopentecostalismo pode ser avaliada sob a ótica weberiana do espírito do capitalismo. A origem do conceito de Weber parte do ascetismo protestante e a doutrina da predestinação. Ao introduzir a ideia de que o destino eterno do indivíduo é decidido por Deus desde a eternidade, ela gerava uma intensa angústia subjetiva, uma vez que o crente não dispunha de meios para obter certeza de salvação (WEBER, 2004). Em resposta a essa angústia, forma-se uma ética que interpreta o êxito na vocação profissional e o comportamento disciplinado como possíveis sinais de eleição. Não se afirma que a riqueza comprava de forma mecânica a salvação, mas que uma vida ordenada, laboriosa e sóbria é coerente com a condição de eleito. O mundo torna-se o campo em que o crente demonstra sua obediência a Deus por meio do trabalho e da disciplina (WEBER, 2004).

Ao contrário da visão popular que, por vezes, reduz o trabalho a um fardo ou a uma obrigação, a Bíblia ensina que o trabalho foi dado ao homem como uma forma para que encontre satisfação, honra e realização e para lapidar competências – ou seja, ele é muito mais do que ganhar um salário. (FOLHA UNIVERSAL, “COMO VOCÊ VÊ O SEU TRABALHO?”, 2025)

As publicações da Folha Universal retomam a associação entre trabalho, disciplina e identidade religiosa, enfatizando o labor como dimensão constitutiva do plano de Deus para a humanidade. A proposta do trabalho como forma de satisfação se aproxima da noção weberiana de vocação, na medida em que o exercício profissional é apresentado como espaço de realização de um chamado divino e não apenas como meio de sobrevivência econômica. Ainda em paralelo com os conceitos de Weber, é possível avaliar a ideia de servir proposta por um dos textos da Folha Universal.

Jesus enfrentou desafios e problemas que nós também enfrentaríamos, para nos servir. Mas Ele foi além. Sendo perfeito, não precisava passar pelo deserto, morrer na cruz, descer ao inferno ou se expor daquela forma. Mas fez tudo isso por nós. Ele serviu. (FOLHA UNIVERSAL, “COMO SERVIR AO PRÓXIMO?”, 2025)

Quando você se apega aos seus direitos, se afasta de se parecer com Ele. (FOLHA UNIVERSAL, “COMO SERVIR AO PRÓXIMO?”, 2025)

A doutrina propõe uma ética do serviço em que o crente é convocado a relativizar a centralidade dos direitos individuais em favor de uma entrega constante a Deus e ao próximo, apresentada como expressão de fidelidade e de imitação do modelo de Cristo. Weber descreve o tradicionalismo econômico, entendido como atitude em que o trabalhador se satisfaz com um nível estável de renda e não identifica razões para ampliar o esforço e a produtividade quando já alcançou o necessário para viver (WEBER, 2004). O espírito do capitalismo, ao contrário, supõe a interiorização de uma obrigação contínua de trabalhar mais, de organizar o tempo de forma metódica e de expandir de modo permanente a atividade econômica. Nessa ótica, a ênfase da Folha Universal na necessidade de servir, de não se apegar a direitos e de adotar o exemplo de Jesus pode ser entendida como a ruptura com o tradicionalismo. O fiel é instado a superar uma postura centrada em garantias imediatas e a assumir uma conduta ativa, disciplinada e disposta a suportar sacrifícios em nome de um propósito espiritual e comunitário.

Outro fator apresentado pelo discurso religioso é o não apressamento para obter a salvação. Entende-se que o trabalho é uma ferramenta capaz de ensinar o valor das conquistas ao sujeito.

Entenda que o caminho de Deus é um caminho de luta. Então, tudo que você quiser apressar na sua vida, atropelando os passos necessários para construir uma base sólida, será construído apenas para que você o veja desabar sobre a sua cabeça. Por isso, não fuja do trabalho nem procure atalhos, pois a Palavra de Deus promete: “(...) Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (FOLHA UNIVERSAL, “ISSO PODE TRANSFORMAR SUAS BÊNÇÃOS EM MALDIÇÕES”, 2025)

Observa-se a formulação de um ponto dogmático central da Teologia da Prosperidade, segundo o qual a verdadeira conquista, seja material, seja afetiva, deve decorrer de um processo de construção gradual e disciplinada, e não de atalhos fortuitos. Seja descrevendo vitórias na loteria ou conhecer um parceiro em uma festa, o discurso critica a obtenção de resultados imediatos sem o aprendizado e a maturação. A legitimidade da conquista só se verifica a partir de um esforço continuado, convertendo o trabalho paciente, a prudência e o respeito a processos de longo prazo. Essa ênfase dialoga novamente com o conceito de espírito do capitalismo. A riqueza legitimamente valorizada é aquela que resulta de uma conduta metódica, disciplinada e racional, orientada pela vocação profissional e pela utilização parcimoniosa dos recursos, em oposição a ganhos fortuitos e ao tradicionalismo que busca apenas a satisfação imediata (WEBER, 2004). Enquanto o ganho na loteria e o relacionamento apressado são apresentados como exemplos de fracasso decorrente da busca de atalhos, a Teologia da Prosperidade reforça a ideia de que Deus honra o esforço continuado, a responsabilidade e a construção gradual de patrimônio e de vínculos. Desse modo, o discurso neopentecostal articula doutrina e prática ao ensinar que prosperar implica não apenas crer, mas também aderir a uma ética de empenho constante, planejamento e respeito a etapas, reinterpretação do núcleo normativo do espírito do capitalismo (WEBER, 2004; MARIANO, 1996).

Assim, mesmo com a adequação do Neopentecostalismo às mudanças da sociedade, conforme observado por Ricardo Mariano (1996), o dogma não abandonou o ideal de compromisso contínuo com o serviço, o esforço e a produtividade. Ademais, a lógica

de dedicação plena é fator relevante a sustentação do modelo da prosperidade. A conformidade com o presente permite a acomodação do sujeito, de forma que, não seria possível atingir novas bênçãos e aproveitar de forma integral o *locus* de felicidade proposto ao crente. Novamente, apesar da doutrina possuir um discurso amplo buscando a adequação da “Palavra” à realidade de cada fiel, a ascensão social se faz necessária para a promoção do evangelho, independentemente da posição na hierarquia social. Não é possível obter a prosperidade com a acomodação do sujeito.

Sua fé, portanto, era movida pela obediência e pelo temor a Deus. Ele demonstrou, com sua atitude, que a fé que agrada ao Altíssimo rejeita qualquer lucro ilícito e se mantém íntegra diante do Senhor. Ao devolver o dízimo após a vitória, Abraão firmou sua aliança com o Senhor, não como moeda de troca, mas como expressão de fidelidade. (FOLHA UNIVERSAL, “O MAIOR PROPÓSITO DE DEUS PARA A SUA VIDA”, 2025)

5.3 Devoção e o Espírito do Capitalismo

Em paralelo com a terceira fase dos testemunhos apresentados na Folha Universal, o sucesso e alinhamento espiritual se dá com as conquistas materiais dos fiéis. Por mais que os textos busquem dogmatizar o conceito de sucesso, propondo o que o evangelho se reproduz com objetivo de atingir almas e não obter lucro, a forma que doutrina da prosperidade tangibiliza o bem-estar espiritual para os crentes acaba por reduzir o conceito a uma lógica capitalista.

A empreendedora Rosângela Correia Barbosa, de 44 anos, afirma que hoje é feliz e realizada, mas que nem sempre foi assim. Ela é mãe de três filhos: os empresários Mairla Késia Barbosa Cabral, de 27 anos; Milena Kethelin Barbosa da Silva, de 25 anos; e Eduardo Kelvin Barbosa da Silva, de 20 anos, e todos são fruto de dois relacionamentos que chegaram ao fim. (FOLHA UNIVERSAL, “UMA MÃE DE JOELHOS MANTÉM OS FILHOS EM PÉ”, 2025)

De forma sutil, os testemunhos apresentam o sucesso profissional e dos relacionamentos pessoais daqueles que aderiram a igreja como prova de paz e preenchimento do vazio do momento anterior à adesão da “Palavra”. A prosperidade material passa a ser narrada como consequência direta da fé correta e da participação em campanhas, dízimos e ofertas, de modo que bens, estabilidade financeira e ascensão social são convertidos em sinais visíveis de bênção e de aprovação divina. A Teologia da Prosperidade legitima a busca de bens, conforto e consumo como expressão de santidade e de vitória na vida prática (MARIANO, 1996). Nessa configuração, o consumo deixa de ser percebido apenas como prática mundana e passa a integrar o repertório de provas espirituais, de maneira que a capacidade de adquirir e exibir resultados materiais reforça a ideia de que a fé do sujeito é autêntica e eficaz, consolidando um imaginário em que prosperar economicamente equivale a experimentar a plenitude das promessas de Deus.

A absorção da lógica consumista como prova de fé e proximidade com Deus, somada a não acomodação com o tradicionalismo, transforma o proveito das bênçãos divinas como um fim em si. A possibilidade de consumir se torna necessidade, cada vez

menos orientado pela utilidade dos bens e mais pela sua função de exibir capacidade pecuniária e posição de classe diante de um público que observa e compara. Tal compreensão é a própria descrição do consumo conspícuo de Veblen, onde a aquisição e a exibição de determinados bens, serviços e estilos de vida tornam-se moralmente necessários justamente porque conferem respeitabilidade e prestígio, operando como linguagem de status. Assim, a salvação e o *locus* de felicidade do plano de Deus deixam de possuir caráter dogmático, onde a intenção consistia em aproveitar das bençãos ainda em vida enquanto rumam, e se tornam um fim em si só.

A sustentação do consumismo como benção é feita pela mesma forma que o neopentecostalismo espalha sua doutrina, por meio dos testemunhos. Como Ricardo Mariano (1996) destaca, o uso intensivo do rádio e da televisão como eixo estratégico da ação religiosa. A exibição recorrente de testemunhos de prosperidade econômica, cura ou solução de problemas familiares pela fé, são absorvidas pelo mesmo quando as narrativas se distanciam da realidade da audiência. Nesses casos, o que prevalece não é a verificação empírica da plausibilidade das histórias contadas, mas a impressão de que a Teologia da Prosperidade oferece um caminho acessível de superação dos problemas, desde que o fiel adote as práticas recomendadas e se alinhe à doutrina. O sucesso econômico e ascensão social funcionam como vitrines de prosperidade que alimentam a comparação invejosa entre os fiéis. As trajetórias narradas se convertem em modelos aspiracionais, de modo que o consumo e a exibição de bens passam a ser percebidos não apenas como resultado da benção, mas também como meta a ser alcançada para que a própria fé seja reconhecida como eficaz. Desse modo, a lógica da comparação invejosa reforça o vínculo entre consumismo e espiritualidade, consolidando a ideia de que aproximar-se de Deus implica também se aproximar do padrão de vida exibido nos testemunhos (VEBLEN, 1899; MARIANO, 1996).

Assim, o exercício da “Palavra” se torna comparável ao consumo conspícuo. Se o *locus* de felicidade consiste em bens e relacionamentos, ascendendo socialmente em busca de um novo patamar na hierarquia a partir da comparação invejosa, então o consumo deixa de ter característica utilitária. O consumismo se torna prova de capacidade pecuniária e por consequência, de alinhamento divino. A fé na “Palavra” provém à legitimação dogmática do consumismo e sua perpetuação.

6. CONCLUSÃO

6.1 Consumismo: A Propagação da Prosperidade

A articulação entre os referenciais teóricos mobilizados neste trabalho permite compreender a Teologia da Prosperidade como parte de um ciclo vicioso de prosperidade, no qual sofrimento, devoção e consumo se encadeiam de forma mutuamente reforçadora. Inicialmente, o sujeito aparece em estado de perdição, tal como narrado nos testemunhos analisados, marcado por fracasso material, desorganização subjetiva e sensação de vazio. À luz de Viktor Frankl, essa condição pode ser interpretada como expressão da neurose noogênica, isto é, do adoecimento que decorre da frustração da vontade de sentido e da incapacidade de encontrar um “para quê” que organize a existência (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020). Pressionado por uma cultura de consumo e por estruturas sociais instáveis, o indivíduo tende a assumir atitudes fatalistas e massificadas, aproximando-se da figura do “homem neurótico” que abdica de sua liberdade de responder à vida e se deixa configurar pelas condicionalidades sociais e econômicas (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

É precisamente sobre esse terreno subjetivo e social que a Teologia da Prosperidade atua. Como demonstrado ao longo da análise das publicações da Folha Universal, a doutrina busca converter o vazio existencial e a insegurança estrutural em promessa de prosperidade individual. Ao enfatizar o “plano de Deus” para a vida do crente, as campanhas de fé e a centralidade da “Palavra” como resposta aos dilemas cotidianos, o discurso iurdiano propõe uma via de superação da neurose noogênica que passa pela adesão a um conjunto de práticas devocionais e econômicas. Porém, destaca-se que a doutrina não alcança a noética. Ela faz uso do fanatismo como forma de manutenção da fé. A devoção total a Deus, expressa na participação em correntes, sacrifícios financeiros e dedicação integral ao projeto religioso, mantém o homem neurótico. (FRANKL, apud CARVALHO; SILVA; GOMES, 2020).

Em paralelo, a análise evidenciou a forma pela qual a cura espiritual é conduzida pela ética do trabalho descrita por Max Weber. A Teologia da Prosperidade incorpora e atualiza elementos do espírito do capitalismo ao associar a fidelidade religiosa a uma conduta econômica disciplinada e permanentemente orientada à superação do tradicionalismo (WEBER, 2004). Nas publicações examinadas, o crente é incentivado a abandonar a passividade, “não se apegar a direitos e a encarar o trabalho como vocação e serviço à Deus”. Dessa forma, o sofrimento inicial é ressignificado como ponto de inflexão que conduz à adoção de uma moral laboral compatível com a racionalidade neoliberal, na qual o sucesso é apresentado como resultado simultâneo da fé e do esforço individual.

Contudo, a devoção e o trabalho não se esgotam em si mesmos. A investigação mostrou que, no interior da Teologia da Prosperidade, a necessidade de prosperidade e de exposição do sucesso assume papel central na busca por aprovação moral e espiritual. Nesse ponto, o referencial de Thorstein Veblen torna-se decisivo. O consumo deixa de ser orientado apenas pela utilidade ou pela racionalidade econômica e passa a cumprir função simbólica de comprovação de capacidade pecuniária e de distinção perante a comunidade de fé. Os constantes testemunhos de realização financeira como fruto direto da fé e dos sacrifícios realizados, constitui um

padrão de consumo conspícuo, no qual o gasto se torna moralmente necessário porque sinaliza prestígio social e superioridade espiritual (VEBLEN, 1899). A comparação invejosa descrita por Veblen é intensificada pelas mídias religiosas, de modo que os casos de vitória divulgados funcionam como modelos aspiracionais que reforçam o desejo de consumir e de exibir resultados materiais como prova da benção divina (VEBLEN, 1899; MARIANO, 1996).

Dessa maneira, o ciclo vicioso da prosperidade pode ser sintetizado. O vazio existencial, agravado pela liquidez das instituições e pela pressão por desempenho, abre espaço para a neurose noogênica e para o adoecimento do sujeito. A Teologia da Prosperidade intervém oferecendo uma gramática religiosa que reinterpreta esse sofrimento em termos de pecado, perdição e necessidade de entrega total a Deus. Sob essa mediação, o indivíduo é levado a incorporar a ética do trabalho e da disciplina associada ao espírito do capitalismo, superando o tradicionalismo e assumindo a responsabilidade individual por sua própria ascensão. Em um terceiro momento, a prosperidade prometida se traduz em consumo conspícuo, na medida em que bens e estilos de vida passam a funcionar como evidências públicas de benção e de eficácia da fé. O vazio existencial inicial não é enfrentado em sua raiz, mas recoberto pela lógica da acumulação e da exibição, de modo que a busca de sentido se converte em busca de reconhecimento por meio do consumo.

Os resultados deste estudo permitem concluir que o discurso da doutrina da prosperidade adotado em religiões neopentecostais, tais como da Igreja Universal do Reino de Deus, opera como mediador entre sofrimento subjetivo, racionalidade neoliberal e cultura de consumo. Ao articular neurose noogênica, espírito do capitalismo e consumo conspícuo em uma mesma doutrina, a Teologia da Prosperidade oferece ao sujeito contemporâneo uma resposta que alivia a angústia diante do vazio de sentido e o integra de forma mais intensa à lógica econômica dominante. A prosperidade, assim, emerge como eixo de propagação e de legitimação da doutrina, consolidando um ciclo em que fé, trabalho e consumo se reforçam mutuamente.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Liquid modernity. Cambridge: Polity Press, 2000.

BOTERO BERNAL, Andrés; AGUIRRE ROMÁN, Javier Orlando; ALMEYDA SARMIENTO, Juan David. Neopentecostalismo, teología de la prosperidad y neoliberalismo: hacia una lógica religiosa para el homo oeconomicus. *Entramado*, v. 19, n. 2, 2023.

CARVALHO, Maria Cristina Neiva de; SILVA, Maria Helena Budal da; GOMES, Raissa Daniella Correa. A liberdade da vontade diante dos fatores sociológicos: uma aproximação entre as teorias de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman. *Pluralidades em Saúde Mental*, v. 9, n. 2, p. 72-90, 2020.

DE NEGRI, Fernanda; MACHADO, Weverthon; CAVALCANTE, Eric Jardim. Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas. Brasília: Ipea, 2023.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade, 1996.

SANTOS, Ana Maria da Silva. O pensamento neoliberal no discurso religioso: a ideologia empreendedora na Igreja Universal do Reino de Deus. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 141-157, 2024.

VEBLEN, Thorstein. The theory of the leisure class: an economic study of institutions, 1899.

VEBLEN, Thorstein. Christian morals and the competitive system. *International Journal of Ethics*, v. 20, n. 2, p. 168-185, 1910.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WRENN, Mary V. Veblen, Veblenian social practices, and prosperity theology. *Journal of Economic Issues*, v. 54, n. 1, 2020.

FOLHA UNIVERSAL. Desprezada, ela pensava em morrer. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/desprezada-ela-pensava-em-morrer/>.

FOLHA UNIVERSAL. Relacionamentos plurais tentam distorcer a ideia de casamento. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/relacionamentos-plurais-tentam-distorcer-a-ideia-de-casamento/>.

FOLHA UNIVERSAL. Qual é o plano de Deus para a sua vida? Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-o-plano-de-deus-para-a-sua-vida/>.

FOLHA UNIVERSAL. Quem são os condenados? Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/quem-sao-os-condenados/>.

FOLHA UNIVERSAL. Como você vê o seu trabalho? Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/como-voce-ve-o-seu-trabalho/>.

FOLHA UNIVERSAL. Como servir ao próximo? Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/como-servir-ao-proximo/>.

FOLHA UNIVERSAL. E-consignado: suas facilidades e seus riscos: cuidando das finanças sem se endividar. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/e-consignado-suas-facilidades-e-seus-riscos-cuidando-das-financas-sem-se-endividar/>.

FOLHA UNIVERSAL. Uma mãe de joelhos mantém os filhos em pé. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/uma-mae-de-joelhos-mantem-os-filhos-em-pe/>.

FOLHA UNIVERSAL. Eu andava com o diabo. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/eu-andava-com-o-diabo/>.

FOLHA UNIVERSAL. Ela sofria com complexo de inferioridade e se mutilava. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/ela-sofria-com-complexo-de-inferioridade-e-se-mutilava/>.

FOLHA UNIVERSAL. Eu sentia uma tristeza profunda, mas tentava calar esse vazio com a bebida. Universal.org, 2025. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/eu-sentia-uma-tristeza-profunda-mas-tentava-calar-esse-vazio-com-a-bebida/>.